

LITERATURA INFANTIL ADAPTADA PARA CULTURA SURDA: INSTRUÇÃO E DELEITE

Cleide da Luz Andrade¹

Cristiane Lacerda de Sousa²

Naiana Santos Ferraz Moraes³

Lucas Campos⁴

RESUMO

Este artigo consiste em uma leitura prospectiva acerca da literatura infantil adaptada à cultura surda. Aborda sua relevância para o processo de aprendizagem da criança. Tem como objetivo refletir como deveria ser aplicada a literatura infantil no uso da contação de histórias para crianças surdas. Trata-se de uma experiência em que se faz um paralelo no modo de contar histórias, tanto para o público ouvinte quanto para o surdo, em uma sala de ensino regular. Partindo do pressuposto de que a língua natural do Surdo é a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, demonstra-se o quanto é importante o emprego desse idioma, assim como das ferramentas visuais na literatura infantil, no contar histórias, para que, tanto a criança surda, quanto a ouvinte, possam compreender e refletir sobre o que está sendo contado.

Palavras chave: Literatura infantil. Contação de histórias. Cultura surda.

ABSTRACT

This article consists of a prospective reading about children's literature adapted to deaf culture. It discusses its relevance to the child's learning process. It aims to reflect how it should be applied to children's literature in the use of storytelling for deaf children. It is an experience from which to make a parallel in the way of storytelling for both the listening public and for the deaf, in a regular school room. It assumes that the natural language of the Deaf is LIBRAS - Brazilian Sign Language, it demonstrate how important the use of this language, as well as the visual tools in children's literature, storytelling, so that both the child deaf, as the listener can understand and reflect on what is being counted.

Keywords: Children's literature. Storytelling. Deaf culture.

Saberes necessários para o desenvolvimento da criança

A arte de contar histórias faz ou deve fazer parte da vida de uma criança, desde seu nascimento, momento, a partir do qual, as famílias contam histórias do seu seio e/ou

¹ Mestranda do Programa Letras: Cultura, Educação e Linguagem pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em LIBRAS e Educação de Surdos. E-mail: andradecleide1601@gmail.com.

² Graduada em Administração. Especialista em LIBRAS e Educação de Surdos. E-mail: cristiane.lacer@hotmail.com.

³ Graduanda em Pedagogia, atua como intérprete no Colégio Estadual Abdias Menezes. E-mail: naisfm@hotmail.com.

⁴ Doutor em Letras e Linguística, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Titular da UESB. E-mail: camposacademico@gmail.com.

histórias infantis conhecidas. Na escola, essa prática também é de fundamental importância, para estimular os educandos no seu processo de aquisição de conhecimentos. Partindo dessa ideia, este artigo traz uma reflexão acerca de como vem sendo realizada contação de histórias no ambiente escolar e, principalmente, sobre quais ferramentas têm sido utilizadas nessa prática, para atender o diversificado público presente nas escolas de ensino regular.

A ênfase da abordagem recai na contação de histórias para o surdo. Em função disso, apresenta-se uma discussão sobre a literatura infantil, sobre a cultura e identidade surda e sobre a literatura surda, ao passo que apresentam-se sugestões para que a contação de histórias exerça um papel real e importante na vida dessas crianças, a ponto de poder ajudá-las na formação do seu senso crítico.

Para contar história para uma criança surda, primeiro precisa-se conhecer sua língua natural, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), depois, deve-se levar em consideração a realidade da escola, se o estabelecimento oferece, pelo menos, um intérprete. Por isso a necessidade de se falar em inclusão. A realidade encontrada nas escolas inclusivas nem sempre está de acordo com o que determina a lei, pois há escolas com público surdo, mas com todo material, incluindo-se provas, testes, e atividades de diversas ordens, voltados para o público ouvinte.

De acordo a Declaração de Salamanca (1994, p. 17-18), documento que versa sobre a Educação Inclusiva:

O princípio fundamental desta Linha de ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham. Crianças de populações distantes ou nômades, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas.

Assim, além de acolher crianças surdas, as escolas devem dar subsídios para que o processo ensino-aprendizagem possa acontecer, por isso, em relação à criança surda, o contar histórias deve partir do canal gesto-visual, com uso de imagens e de sinalização, ou seja, deve-se levar em consideração a língua do educando surdo, levando-se em consideração que a criança ouvinte também aprende pelo canal visual. Desse modo, essa

prática que contempla o estudante surdo, não acarreta prejuízo algum para a aprendizagem do discente não surdo.

Será de bom alvitre que as escolas regulares passem a buscar materiais que possam contemplar os estudantes surdos e não surdos. Existem vídeos adaptados para o surdo, assim como outros que contam com intérpretes, como algumas histórias da turma da Mônica, encontradas na internet. Por outro lado, o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) disponibiliza alguns vídeos e até peças teatrais encenadas em Libras. Enfim, materiais existem, mas cabe ao professor buscá-los, selecioná-los e deles lançar mão, com o fim de realizar a inclusão, e não a exclusão em sala de aula.

Literatura Infantil: pedagogia e deleite

A expressão “literatura infantil”, a princípio, delimita o público alvo do texto, mas não deve ser vista, como tem ocorrido, como produção cultural inferior, desprestigiada. Zilberman (1982) afirma que a literatura infantil deve ser um campo privilegiado pela Teoria da Literatura, visto que contribui para questionamentos referentes à natureza do universo literário.

Regina Zilberman, no livro *A literatura infantil na escola*, mostra que a criança passa a ser vista como um ser que tem interesses próprios. A autora destaca que, a partir da segunda metade da Idade Média, quando emerge uma nova noção de família, voltada para o afeto, a preocupação com uma literatura para crianças ou jovens se manifesta abertamente na França durante a monarquia absolutista de Luís XIV, na segunda metade do século XVII, com as obras *As Fábulas* (1668), de La Fontaine; os *Contos da Mãe Gansa* (1691/1697) de Charles Perrault; os *Contos de Fadas* (8 vols. – 1696/1699 de Mme. D’Aulnoy e *Telêmaco* (1699) de Fénelon, tidos como pioneiros do mundo literário infantil.

O século XVII se caracteriza por mudanças na estrutura da sociedade, como um momento conturbado entre os aristocratas, que tinham prestígio e poder, e os burgueses, que queriam ter o controle sobre a sociedade, mas apesar de terem alto poder aquisitivo, não tinham poder perante o povo. A burguesia, desejosa do poder político, procurou estabelecer seu modelo de sociedade, difundindo a valorização do trabalho ao invés de um

estilo de vida parasitário como o dos nobres. Em meio à ascensão da família burguesa, do novo “status” concedido à criança, é que surge a Literatura Infantil, veículo propício para a difusão do ideário e dos valores morais burgueses.

É no reinado de Luís XIV que se dá um desenvolvimento cultural, tendo como destaque o aprimoramento das letras, com a grande disseminação do livro, proporcionada pelos avanços e pelo sucesso da imprensa, impulsionado pela burguesia, desejosa de uma nova organização social. O livro, que era o principal veículo de mídia, destinado à difusão das ideias burguesas, passa a ser destinado, também ao público infantil, àqueles que viriam a ser os protagonistas da mudança do status social: as crianças. O que se vê, praticamente, como regra geral, é que todas as manifestações literárias desses séculos formadores da literatura ocidental surgem impulsionadas por uma intenção didática, moralizante ou educadora.

Já na literatura contemporânea, Coelho (1991a, p. 42) afirma que há um equilíbrio entre a intenção artística e a intenção educativa da literatura infantil, enfatizando que a literatura é para divertir, dar prazer, emocionar e, ao mesmo tempo, ensina modos novos de ver o mundo, pensar, criar. Enfim, a literatura busca estimular a criatividade, a descoberta ou conquista dos novos valores em gestação, ao invés da exemplaridade ou a transmissão de valores já sistematizados ou definidos.

Como foi dito anteriormente, os livros para crianças surgiram no final do século XVII e durante o século XVIII, sendo que os primeiros textos foram produzidos pelos educadores e tinham caráter educativo. Atualmente, a literatura infantil continua com o objetivo didático, mantendo um controle sobre a criança, que é manipulada frente às circunstâncias ideológicas e “não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática” (ZILBERMAN, 1982, p.16). Sendo essa literatura produzida dos adultos para a criança, fica fácil entender esta proposta didática, uma vez que o adulto é tido como o detentor do saber. Por isso, o adulto escreve de acordo com os seus interesses, embutindo seus valores e hábitos sociais, e não o universo da criança. Mesmo que seja inevitável a presença de elementos ideológicos, deve-se ter, em primeiro lugar, literatura.

Observa-se que quanto ao objetivo da Literatura Infantil, alguns autores têm uma concepção de que a literatura seja educativa; outros, entretanto, se diferenciam por desenvolver uma literatura centrada no prazer, no deleite do leitor. Dessa forma, para

alguns autores a escola tem negado o social e contribuído para introdução do normativo ao manifestar os ideais da camada de poder e não adotar uma postura autêntica, questionadora, à medida que, através de histórias estipula normas que devem ser seguidas pelas crianças, favorecendo a difusão do mundo adulto a partir de ações de personagens infantis que veiculam padrões de comportamento.

No entanto, para outros autores, a literatura infantil deve funcionar como uma instituição na qual a criança possa refletir sobre sua condição pessoal. Afinal, a literatura revela circunstâncias do cotidiano do leitor, não deve, portanto, ser instrumento para veicular apenas regras gramaticais ou normas de bom comportamento.

Para atingir o estatuto de arte literária, a literatura precisa se afastar da origem, comprometida com a pedagogia, e apresentar textos de valor artístico para os leitores. Vemos, nesse ínterim, que há controvérsias no que se refere à questão de a literatura infantil ser veiculada para instruir ou para divertir. Nesse sentido, Coelho apresenta a literatura

[...] como 'objeto' que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, 'modifica' a consciência-de-mundo de seu leitor, a Literatura Infantil é Arte. Por outro lado, como 'instrumento' manipulado por uma intenção 'educativa', ela se inscreve na área da Pedagogia (COELHO, 1991a, p.42)

Gonçalves, Aquino e Silva (2000, p. 8) indicam que a partir das afirmações de Cecília Meireles, não se deve dar às crianças livros que não tenham valor literário, para não comprometer o gosto. Deve-se prevalecer o critério do gosto, uma vez que as obras de real valor irão enriquecê-las. Obras sem beleza poderão ser malélicas por comprometer-lhes o gosto. O bom gosto só vai se desenvolver com o exercício da leitura e do senso crítico.

Ainda segundo as afirmações de Cecília Meireles, apresentadas por Gonçalves, Aquino e Silva (2000, p. 8), deve-se escrever a literatura infantil de forma que as crianças leiam com prazer e proveito. Para a autora, três fatos são importantes: a criança escolher, ler com prazer e ler com proveito. É preciso que se escreva algo que diga respeito à criança e que contribua para a sua formação, pois a criança tem seu gosto, faz suas escolhas e é mais poética que o adulto.

Não se pode descartar a hipótese de que a literatura contribua para a formação da criança. Para tanto, será essencial que ela se depare com livros que a capacite a entender

sua natureza íntima e o real exterior, permitindo que ela tenha uma visão pessoal e crítica do mundo. Vale ressaltar que a criança é capaz, na prática, de distinguir o mundo da fantasia e o mundo da ação. Não se pode desprezar a fantasia na vivência infantil, pois, embora seja essencial, o conhecimento da realidade na formação e o desenvolvimento da imaginação levam a uma verdadeira estruturação mental, uma visão de mundo que se utiliza de todo o potencial disponível.

No que tange a isso, Gonçalves, Aquino e Silva (2000, p. 36) afirmam que:

Se entendermos que a infância e adolescência cobrem, na vida mental, um período onde a experiência da fantasia é essencial, fica claro que a Literatura correspondente tem, não só o direito, mas até o dever de com ela trabalhar. Só assim a literatura infantil pode cumprir seu verdadeiro papel, que não se esgota na produção de divertimento, mas inclui os valores que lhe permitem cooperar no crescimento mental de seus leitores.

Na Literatura infantil, sempre esteve presente a fantasia, mas não como fuga da realidade, pelo contrário, sabe-se que esta tem muito a ver com fatos da experiência humana. Desse modo, a Literatura tem papel importante na humanização do ser humano, “uma vez que é capaz de levar ao leitor uma experiência que lhe alarga os horizontes, através de vários recursos, sobretudo o despertar da imaginação, permitindo a livre fantasia” (GONÇALVES, AQUINO e SILVA, 2000, p. 89).

Nos dias de hoje, percebe-se como uma ou outra obra apresenta aspectos da realidade, principalmente no que diz respeito às mazelas sociais. Essa literatura que aponta para a passividade em nada contribui para a formação das crianças, pois, segundo Coelho (1991a), a literatura deveria incentivá-las a participar mais ativamente da vida.

Rocha (1984, p. 54), por outro lado, assume uma opinião condizente com a de Bettelheim, ao afirmar que:

Nas histórias tradicionais, assim como nas rimas e lengas-lengas (sic), as situações de crueldade e opressão, a maldade e a morte estão presentes e as crianças aderem a elas como a nenhuma outra; e sabemos hoje, conforme Bruno Bettelheim expõe no seu livro *The Uses of Enchantment* que os contos de fadas desempenham função importante na vida psíquica da criança, levando-a a ultrapassar situações que, não sendo vencidas, podem deixar imprevisíveis traumas.

Em síntese, observa-se que os autores assumem diversos posicionamentos no que se refere aos temas e à forma como esses são abordados nas tramas desenvolvidas na

literatura destinada às crianças. Alguns acreditam que temas como morte, sofrimento e violência podem contribuir para a formação da criança, do conhecimento do mundo à sua volta e para seu desenvolvimento emocional, enquanto outros creem que a agressividade presente no texto pode levar a criança a repudiar essa literatura, criando até mesmo traumas.

Segundo Gonçalves, Aquino e Silva (2000), a partir das afirmações de Bruno Bettelheim, é a Literatura dos contos de fadas tradicional que contém o componente maravilhoso, que ajuda a desenvolver a mente e a personalidade da criança, visto que tem elementos capazes de ajudá-las a solucionar os seus conflitos. Este tipo de literatura explora os conflitos essenciais da natureza do ser humano e oferece os elementos imprescindíveis para que a criança resolva, no nível do inconsciente, os seus próprios problemas.

Alguns aspectos da cultura surda

Pode-se entender como cultura um conjunto de características que identificam um determinado grupo. Assim, a cultura surda possui um conjunto de particularidades que a identificam. Elementos marcantes dessa cultura são a interação com o mundo a partir de experiências visuais e o uso da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como língua de comunicação. Segundo Strobel (2008, p. 19)

(...) um ser humano, em contato com o seu espaço cultural, reage, cresce e desenvolve sua identidade, isto significa que os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados. A cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas.

Nesse sentido, a cultura surda está relacionada à história cultural, ao emprego da língua de sinais, como idioma de comunicação, à literatura voltada para o sujeito surdo e outros modos de ver e experienciar o mundo.

O contar histórias para crianças ouvintes faz parte das diferentes culturas e diferentes contextos sociais. É um ato cultural, é um ato de ensino, é uma forma de estimular a leitura, fornecer conhecimento, possibilidade de crescimento e aprendizagem para uma criança. Do mesmo modo, também com a criança surda, o contar histórias por

meio da Libras é ajudar no desenvolvimento, é possibilitar acesso ao mundo da fantasia, é estimular o aprendizado.

Através das histórias há uma interação social, através da qual, toda criança, surda ou ouvinte passa a analisar os personagens, cultiva a atitude crítica em relação ao mundo, estabelece a capacidade argumentativa.

No que diz respeito a propiciar tais experiências à criança surda em relação ao contato com a literatura, pode-se salientar que é imprescindível que haja uma adaptação no que diz respeito ao uso da língua de sinais e ao emprego de recursos visuais, para que essa criança possa ter acesso e assimilação das narrativas.

Não se pode descartar a hipótese de que a literatura contribua para a formação da criança. Para tanto, será essencial que ela se depare com livros que a capacite a entender sua natureza íntima e a realidade exterior, permitindo que ela tenha uma visão pessoal e crítica do mundo. Vale ressaltar que a criança é capaz, na prática, de distinguir o mundo da fantasia e o mundo da ação. Não se pode desprezar a fantasia na vivência infantil, pois se trata de uma experiência que leva a uma verdadeira estruturação mental, a uma visão de mundo a partir de todo o potencial disponível.

A literatura surda

A literatura surda consiste nas produções dos surdos, produções discursivas a partir das suas comunidades. Nessas comunidades existem piadas, conhecimentos de contos de fadas adquiridos no contato familiar e escolar. Observa-se que na literatura surda há adaptações de contos de fadas, tais como *Cinderela Surda* e *Patinho Surdo*, em que os personagens e o enredo são adaptados para a cultura surda; além disso, ainda temos a criação de histórias pelos próprios surdos, que são compartilhadas dentro da sua própria comunidade.

Apesar dos surdos terem pouca experiência com narrativas pelo pouco contato em casa e na escola, com contação de histórias em Libras, eles produzem narrativas e poemas utilizando de sua criatividade e emoção. Como exemplo, há a obra pouco divulgada no Brasil

- *Tibi e Joca: uma história de dois mundos* (BISOL, 2001), que representa a realidade vivida por um surdo dentro da sociedade.

Zilberman (1982, p. 59) retrata que o contato da criança com a literatura infantil, a princípio, é sonoro (para as ouvintes), pois a criança apenas escuta as histórias narradas pelos adultos, acompanhando as ilustrações. Portanto, o contato original da criança com o mundo se faz por meio da audição e da visualização de imagens. O texto escrito só lhe é acessível após o contato com a escola. “A partir de então, ela tem acesso às mesmas modalidades de cultura, podendo fazê-lo de modo autônomo, liberando-se paulatinamente do adulto, senhor da voz que até então lhe transmitia o conhecimento”.

A criança surda, por seu turno, estabelece contato com a literatura através das ilustrações das histórias contadas pelos adultos. Quando ela adquire a língua de sinais, ela internaliza o conhecimento e a vivência. A esse respeito, Mourão (2012, p.11) esclarece:

Frequentemente, se afirma que os surdos usam a visão para entender e compreender os significados, mas se esquece de que não somente os surdos fazem isso; também as crianças (e adultos) ouvintes com pouca instrução fazem isso com livros. Igualmente, as crianças surdas usam visualizar as ilustrações enquanto os pais ou professores contam (sinalizam) as histórias. Dessa forma, elas podem refletir, desenvolver a imaginação, conhecer histórias de mistérios, aventura... Tanto os surdos como os ouvintes têm as mesmas oportunidades: a diferença está na língua.

De qualquer sorte, a literatura infantil, pode contribuir muito para o aprendizado da educação do surdo, respeitando-se suas diferenças, fazendo com que todos possam usufruir dos novos conhecimentos de forma fácil e lúdica, ampliando o universo cultural de representantes da cultura ouvinte e surda.

A literatura infantil para criança surda só será proveitosa se houver uma relação entre o texto, a imagem, a cultura e a língua própria do surdo. O contato da criança surda com o texto literário, que não tenha aproximação com a realidade de sua comunidade, tornar-se-á ao invés de momento de deleite e prazer mais um momento enfadonho em que se prevalece a cultura do ouvinte sobre a cultura surda.

É preciso que haja incentivo de produção literária na comunidade surda e também a sua divulgação para um fortalecimento cultural desse grupo. Alguns surdos têm se empenhado em produzir uma Literatura surda para divulgar a sua identidade, sua língua e

sua cultura, em que prevalece a experiência visual. Para tanto, estão se utilizando de livros impressos e de mídias para este registro. É importante este registro por meio de livros ou mídias para que o conhecimento cultural do surdo não se perca. Assim como as histórias orais na comunidade ouvinte se perdem com o tempo, as histórias apenas com o uso da sinalização também se extinguirão.

Observa-se que a Literatura surda mostra uma auto representação dos grupos de surdos na tentativa de que suas dificuldades, suas dúvidas e sua identidade sejam apresentadas nas histórias narradas. Geralmente o texto é em português e em Libras (sinalizado), com ilustração que permite percebermos a expressão dos personagens e o enredo traz os conflitos existentes entre a comunidade surda e ouvinte e a situação vivenciada pelos surdos que não conhecem, conhecem pouco ou dominam a língua de sinais.

Percebemos, dessa forma, que a Literatura infantil adaptada à cultura surda pode possibilitar à criança surda entender os conflitos existentes na sociedade, pode contribuir para a sua formação, ampliar o conhecimento do mundo à sua volta e favorecer o seu desenvolvimento emocional.

Adaptação do conto de fadas “Patinho Surdo” para cultura surda

O livro “Patinho Surdo” é uma adaptação do conto de fadas “O patinho feio”, de Hans Christian Andersen. Andersen era um escritor dinamarquês romântico, de infância pobre, que viveu em uma época de extremo nacionalismo. Ele teve a chance de conhecer os contrastes de sua sociedade, o que influenciou na escolha das temáticas das suas histórias, que apresentava confrontos entre “fortes” e “fracos”, “poderosos” e “desprotegidos”. Buscava também, nos seus textos, mostrar padrões de comportamento que deveriam ser adotados pela sociedade. Na história “O Patinho feio” há a discriminação de um grupo para com um indivíduo, que por ser diferente dos demais, é excluído. Rosa (2009) indica que

A literatura infantil serve de caminho para uma crítica social velada e para dar voz às minorias oprimidas, pois o alvo de maior observação por parte dos repressores é a literatura adulta. Esse fato faz com que, ao lado de uma literatura infantil massificada, comece a surgir uma outra, mais crítica, demonstrando as diferenças presentes na sociedade. Há uma restauração dos contos de fadas tradicionais, que

passam a ser usados como metáfora da vida social, política e econômica. As situações do dia a dia e os conflitos infantis são apresentados de forma saudável.

A literatura infantil, dessa forma, apresenta valores e comportamentos que devem influenciar a vida das crianças, de forma positiva ou negativa.

Podemos observar na adaptação do conto de fadas “Patinho Surdo” que também o patinho surdo é um ser diferente, que é considerado “estranho” por não ser como os demais (cisnes ouvintes):

Após algum tempo, nasceu o patinho surdo, e os cisnes ficaram olhando para ele. A mamãe cisne falou: “Oi! Bem-vindo à lagoa!” Mas o patinho surdo nada respondeu. A mamãe insistiu: “Oi!” Mas ele continuava sem falar! O casal ficou apreensivo! O patinho então sinalizou: “Oi, mamãe! Oi, papai!” Os cisnes ficaram assustados! Pai cisne estava desconfiado, pois aquele filho tinha cores diferentes, não falava, mas fazia sinais! Ficou em silêncio e saiu dali pensativo! (ROSA e KARNOPP, 2005, p.7).

A história é adaptada para a cultura surda e traz um contexto semelhante ao vivido pelos surdos na sociedade ouvinte, que vive em um local em que sua língua não é entendida, é visto como “estranho”, sempre a depender do intérprete, figura também destacada na história em estudo: “Contrataram o sapo intérprete e foram todos até o ninho dos cisnes. Chegando lá, uma longa conversa aconteceu, e todos entenderam o que havia acontecido”. (ROSA e KARNOPP, 2005, p.8)

É importante que a criança surda no contato com a literatura infantil se identifique com seus iguais, perceba o uso de sua língua, para que essa narrativa lhe seja mais acessível. Vale ressaltar a importância de manter os textos e histórias da cultura ouvinte para a cultura surda, ainda mais se tratando da era da inclusão. Por não existir tanto material para poder possibilitar e facilitar o acesso à informação aos usuários surdos, como citado por alguns autores acima, é importante que o gosto pela leitura se dê desde a infância para que tanto a criança surda como a ouvinte aprenda a entender e compreender o mundo a sua volta.

De acordo com Elkonin (1969) pode-se dizer que na criança em idade pré-escolar há uma elaboração lógica elementar do que se memoriza. No entanto, a criança surda desse ponto de vista, não tem nenhuma vantagem em relação à criança ouvinte, uma vez que todo texto produzido é direcionado a cultura do ouvintismo, fazendo assim com que a criança ouvinte tenha total compreensão do texto ou história. Já a criança surda precisa de algo

mais trabalhado, detalhado, ilustrado, para poder facilitar seu aprendizado, daí vem suas barreiras, existem poucos materiais para tal realização.

Outro ponto que vale a pena ser explanado é que para a criança surda, o ponto principal para sua compreensão é a parte lúdica, a fantasia, ilustração dos fatos que estão sendo narrados, isso facilita, uma vez que, eles são visuais ao contrário da criança ouvinte, como o próprio nome já diz, ela aprende das duas formas, ouvindo e vendo.

Considerações finais

Pode-se constatar que a educação do surdo vem deixando a desejar no que diz respeito à inclusão no ensino regular. No que se refere ao contato da criança surda com a literatura infantil mediado pelo adulto ouvinte apenas com o uso de imagens, a percepção e o aprendizado do texto fica difícil de ser assimilado. Quando há uma adaptação do texto literário, utilizando figurino, cenário e o principal responsável por transmitir a história tem domínio da língua de sinais ou é o próprio surdo, fica mais fácil de haver uma interação da criança surda com a história narrada.

É necessário que os professores busquem mais para poder contribuir com o aprendizado e desenvolvimento do aluno surdo. Para isso é preciso que se produzam mais materiais que possibilitem o aprendizado de forma rápida e criativa. As histórias deverão ser ilustradas em revista e sinalizadas em mídias, para que possam ser disponibilizadas a todos os alunos e professores, assim haverá uma interação de ambos, melhor assimilação do conteúdo.

A questão não pode ficar só nas salas de aulas, de responsabilidade dos professores, é imprescindível que a sociedade entenda o sentido da palavra inclusão e contribua, aprendendo a língua de sinais. O governo também é um grande responsável por essa questão, não é necessário só que exista a lei que cria a inclusão e achar que tudo acontecerá da melhor forma. Criar a lei e dar condições de continuar com ela, fornecendo materiais que facilite o ensino, incentivando aos pais, alunos e professores com campanhas sobre a importância da inclusão, para que os alunos ouvintes e surdos tenham uma melhor fixação da literatura é preciso que a escrita, o lúdico e a sinalização andem juntas e integradas.

Para a criança ouvinte é mais fácil entender e compreender as histórias ou textos literários que lhes são apresentados nas escolas, essa facilidade se dar, por poder ouvir o que professor está informando. Já a criança surda não dispõe desse benefício, ela precisa das ilustrações, e das sinalizações para poder entender o mesmo conteúdo passado a criança ouvinte, daí surge a importância de material didático ilustrado e sinalizado, possibilitando melhor fixação da história ou conto apresentado.

REFERÊNCIAS

BISOL, Cláudia A. **Tibi e Joca**: uma história de dois mundos. São Paulo: Mercado Aberto, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, Análise, Didática. São Paulo: Ática, 1991.a
_____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.b

Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em:
http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.06.1998/CON1988.shtm
. Acesso em: 26/06/2014.

Declaração de Salamanca. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. UNESCO. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 09/05/2014.

DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 26/06/2014.

ELKONIN, D.B. Desenvolvimento psíquico da criança desde ao nascimento até o ingresso na escola. In: A. A. SMIRNOV; A. N. LEONTIEV; S. L. RUBINSHEIN E B. M. TIEPLOV. **Psicologia**. Tradução: Florencio Villa Landa. Grijalbo: México, D. F., 1969.

GONÇALVES, Magaly Trindade; AQUINO, Zélia Thomaz de e SILVA, Zina Bellodi. **Estudos de Literatura Infantil**: teoria e prática. São Paulo, Jaboticabal: Funep, 2000.

MOURÃO, Cláudio H. N. Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais. **Anais do IX ANPED Sul**: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul: UCS, 2012. Disponível em:
http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Especial/Trabalho/08_3_1_14_3009-7345-1-PB.pdf. Acesso em 15/03/2014.

PERLIN, Gladis & STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação dos Surdos**. Florianópolis, 2008.

ROCHA, Natércia. **Breve história da literatura para crianças em Portugal**. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

ROSA, Andrea da Silva. A Representação do Intérprete de Língua de Sinais na Literatura Surda. In: **Anais do X Encontro Nacional de Tradutores e IV Encontro Internacional de Tradutores**, 2009, Ouro Preto. Nas Trilhas da Tradução, 2009. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/anaisdoentrad/images/stories/70Rosa.pdf>. Acesso em 25/06/2014.

ROSA, Fabiano Souto e KARNOPP, Lodenir Becker. **Patinho Surdo**. Ilustrações Maristela Alano. Canoas: Ed. ULBRA, 2005. 32p.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 2. ed. São Paulo: global, 1982.

Artigo aceito em 30 jul. 2016